

News Paper®

Informativo
Setorial ANDIPA



Nesta edição

Liminar suspende
autuação

Página 5

Livros de colorir
inspiram otimismo

Página 6

Setor gráfico prevê
repetir resultado

Páginas 7

IVC aponta queda na
circulação de impresso

Página 8

Produção e vendas
de papéis nacionais
diminuíram em 2015

Página 9

Importação de papéis
cai no 1º semestre

Página 11

Firmeza de valores e serenidade para superar fase de baixa

A concorrência desleal é o pior dos cenários para qualquer negócio, seja na alta ou na baixa dos ciclos econômicos, que se repetem. O mercado de papel passa por um momento de preços aviltados, que podem ser estímulos para fraudes com papel imune. Todos os mecanismos de concorrência desleal devem continuar sendo duramente combatidos. O cenário é difícil para todos, mas sempre há oportunidades para os que estão preparados e atentos.

Expediente

NewsPaper Informativo Setorial ANDIPA é uma publicação da ANDIPA - Associação Nacional dos Distribuidores de Papel. Direitos autorais reservados. A reprodução é permitida desde que citada a fonte.

Contatos (11) 3044-2214

andipa@andipa.org.br / comunicacao@andipa.org.br
www.andipa.org.br Andipa também no Facebook

Presidente

Vitor Paulo de Andrade

Diretoria

Antonio Manoel de Mattos Vieira Neto
José Luiz Barbosa Leonardos
Marcelo Patury Accioly

Presidente Executivo

Vicente Amato Sobrinho

Assistente Administrativo

Iolanda Moretti

Assistente de Diretoria

Edna Souza

Assessoria de Comunicação e Conteúdo Editorial

Keser Serviços de Comunicação

Jornalista Responsável

Rosangela Valente (Mtb 121/MS)

Cenário desafia setor a agir e ousar, com ética e dentro da legalidade

Não faltam prognósticos de tempos ainda mais difíceis pela frente. Eles podem ser justificativas para a decisão de jogar a toalha, para se escolher o caminho escuro das fraudes, faturando a qualquer preço, ou podem ser oportunidades, reforçando os valores de ética, da legalidade, da qualidade e da confiança. Por princípios, acreditamos que passado o furor do tsunami, sairão fortalecidos aqueles que escolherem a terceira opção, buscando alternativas para superar as dificuldades com criatividade, sem abrir mão de seus valores e direitos, com lisura, amparados na livre e saudável concorrência.

Evidentemente, o momento é de turbulências e não indica céu de brigadeiro para a grande maioria dos setores da economia brasileira. Mas, oportunidades existem e surgem para aqueles que estão preparados para elas.

Como em qualquer situação adversa, haverá muitos feridos, sobreviventes e derrotados. No entanto, enganam-se aqueles que julgam poder sair vencedores usando práticas predatórias, pois estão subestimando os ônus de suas atitudes. O mercado é implacável e se ajustará independentemente de quais serão os competidores no futuro. Cabe a cada empresário do setor de papel, seja distribuidor, importador, fabricante ou gráfica, avaliar e escolher como pretende conduzir seus negócios neste período turbulento, diante dos possíveis cenários que se apresentarão.

A história e experiências passadas nos mostram que o pior conselheiro nestas ocasiões é o medo, que paralisa e, conseqüentemente, nos tira da condição de protagonistas de nossos destinos. “Não devemos temer nada a não ser o próprio medo”, afirmou o presidente norte americano Franklin Delano Roosevelt, em 1933, ao assumir a presidência do país em plena crise econômica e social iniciada em 1929. Ou seja, ninguém morre duas vezes. Por isso, precisamos agir e agir de acordo com nossos princípios, com ética e dentro da legalidade, pois do contrário só estaremos agravando ainda mais a situação. Penso, seja exatamente isso que desejam os que fomentam a concorrência predatória.

Mais lenta e enfraquecida em alguns setores do que em outros, a economia segue seu curso e o consumo inevitável encontrará um novo ponto de equilíbrio, proporcionando oportunidades, que vão desde fusões e aquisições a diversificação e novos nichos de atuação. Se os tempos são difíceis é hora de criatividade, de ousadia e inovação. Afinal, a própria natureza nos ensina: só a evolução deu às espécies a capacidade de se adaptar às intempéries e aos ambientes hostis. Aqueles que não se adaptaram, foram extintos. Pensemos no futuro que queremos!

Vitor Paulo de Andrade
Presidente do Conselho Diretor

FecomercioSP questiona fabricante de cuchê sobre suas práticas na distribuição

O desequilíbrio na condição de livre concorrência na comercialização de papel cuchê levou a presidência da FecomercioSP a intervir em favor do mercado atacadista de papel, em carta encaminhada ao presidente da Suzano Papel e Celulose, Walter Schalka. No documento, a Federação alerta a companhia para os malefícios ao mercado se mantidas suas práticas atuais, especialmente na venda de papel cuchê, segmento no qual é a única produtora no Brasil e detém cerca de 50% do mercado. A outra metade da demanda nacional é suprida pela importação, através de uma vasta rede de distribuidores e gráficos, mantendo assim uma saudável concorrência.

Conforme apurado pela FecomercioSP junto aos diversos *players* do mercado de papel, há alguns meses a Cia Suzano aumentou suas importações de papel cuchê e passou a ofertar diretamente aos gráficos e editores – ainda que em pequenas quantidades – a preços abaixo do custo e em condições mais favoráveis do que negocia com sua própria rede de distribuição.

O documento foi assinado pelo diretor-executivo da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), Antonio Carlos Borges. Diante dos argumentos apresentados e da natural relação de parceria que deve existir entre fabricantes e seus distribuidores, preservando o interesse comum na saudável e leal concorrência, a expectativa é de que a companhia 'reavalie e reposicione suas estratégias, de forma que o mercado de papel seja preservado e a efetiva competência comercial e administrativa sejam o diferencial competitivo entre as empresas do setor'.

Até o dia 10 de julho, a fabricante não havia se manifestado sobre a carta.

Interlocução

A decisão de oficiar a companhia foi tomada em reunião com executivos da distribuição, importadores e representantes de fabricantes estrangeiros, para discutir o atual cenário econômico e o mercado de distribuição de papéis, ocorrida na sede da Federação. Na ocasião, foram destacados outros fatores que afetam os negócios do setor de papel, entre eles: a superoferta global de papel cuchê; o impacto do câmbio volátil; a queda do consumo de papel, seja pelo crescimento dos meios eletrônicos ou pela redução da atividade geral da economia; a tentativa de monopolização do mercado nacional, em especial no cuchê; e, o excesso de *players* no mercado brasileiro, tanto de distribuidores quanto de importadores.

Para embasar as discussões, o consultor da FecomercioSP, Jaime Vasconcelos, apresentou o estudo Tendências Econômicas, realizado pela entidade com a análise dos indicadores de desempenho da economia neste ano. Os dados do PIB (Produto Interno Bruto) brasileiro, consumo das famílias, PIB do comércio e do faturamento bruto corrente do comércio paulista tiveram desempenho negativo em relação ao comparativo do ano anterior. O segmento atacadista registrou queda de 11,7% no faturamento de abril deste ano ante o mesmo mês de 2014. Já a geração de emprego teve o segundo saldo negativo para o primeiro quadrimestre do ano (-2.834) dos últimos oito anos. Em 2009, o saldo de empregos do período foi de -4.983. No varejo o déficit de vagas foi ainda maior, -41.393 entre janeiro e abril deste ano.

O estudo visa amparar o setor nas negociações dos acordos coletivos para reajuste salarial, que este ano vai exigir especial cautela e atenção, conforme avaliou o consultor, acrescentando que as projeções para o semestre e para o ano não são animadoras, uma vez que os indicadores têm se agravado.

Os limites do poder econômico

Por Gustavo Dalla Valle Baptista da Silva *

A Constituição Federal estipula como fundamento da ordem econômica a livre iniciativa, mas condiciona-lhe ao respeito à livre concorrência. Determina que deve ser reprimido o abuso do poder econômico que vise à dominação dos mercados, à eliminação da concorrência e ao aumento arbitrário dos lucros.

De acordo com a lei, a conquista de mercado deve resultar de um processo natural fundado na maior eficiência do agente econômico em relação a seus competidores, e não por meio de práticas tendentes a concentrar mercado em prejuízo de outrem (práticas anticoncorrenciais).

A Lei nº 12.529/11 estabelece as condutas que caracterizam infração à ordem econômica por abuso dessa condição, dentre as quais está a adoção de preços predatórios, isto é, injustificadamente abaixo do preço de custo. O agente econômico que exerça posição dominante no mercado pode alterar as condições deste com a adoção de tal prática, do que poderá redundar no impedimento de outros agentes de competir (ou mesmo de subsistir no mercado).

Também é conduta reprimível o rompimento abrupto e sem fundamento lógico da continuidade das relações comerciais, especialmente a mudança da dinâmica de determinado mercado, caracterizada pela relação fabricante-distribuidor-cliente que passa a não contar com intermediário. Ainda mais quando se suspeita que a interferência na relação comercial tenha sido viabilizada por rompimento de sigilo empresarial. Não apenas é uma prática tendente a eliminar a concorrência como caracteriza enriquecimento ilícito do agente.

Contra as práticas abusivas cabem medidas judiciais e administrativas, com o objetivo de cessar as condutas, indenizar os prejudicados e aplicar penalidades ao agente responsável. Com esses propósitos existe o Sistema Brasileiro de Defesa da Concorrência, estruturado pelo CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica), vinculado ao Ministério da Justiça, e pela SEAE (Secretaria de Acompanhamento Econômico) do Ministério da Fazenda.

* sócio do escritório LBZ Advocacia

Especialistas indicam planejamento estratégico para gerir crise

O ajuste fiscal e as alternativas para os empresários diante do atual cenário de crise foi um dos temas tratados na quinta reunião do ano do Conselho do Comércio Atacadista da FecomercioSP, realizada em junho. Os palestrantes Eliane Tocchetto, Ricardo Chamon e Rafael Serrano, do escritório CWTP Advogados, abordaram o desdobramento do contexto político e econômico do país a partir do ano de 2014. Comentando as medidas de ajustes fiscais, os especialistas listaram os possíveis movimentos futuros

do governo e seus impactos no ambiente de negócios.

A apresentação suscitou amplo debate dos presentes e questionamentos sobre os dados apresentados, principalmente, em relação à questão da recuperação judicial, uma alternativa para evitar o agravamento da crise nas empresas. Chamon enfatizou a necessidade de um planejamento estratégico para gestão de crise, o papel dos administradores na gestão tributária e os mecanismos de proteção ao empresário.

Liminar suspende autuação por ICMS não recolhido na venda regular de papel imune desviado

Magistrado da vara de Fazenda Pública da Justiça do Estado de São Paulo decidiu a favor de um distribuidor, autuado pela venda de papel imune a uma empresa que na compra apresentava documentação regular e posteriormente foi flagrada envolvida em fraudes, tendo seus registros cassados retroativamente. Mesmo tratando de tutela antecipada em primeira instância, a decisão pode ser considerada o começo da quebra de dogmas, criados pelas redundantes decisões no tribunal administrativo e no judiciário, que têm generalizado a situação impondo a cobrança indevida do tributo. “É a percepção que o mercado do papel tem regulação própria e que essa regulação impõe analisar diferentemente as situações e os meios de prova da regularidade das operações”, avalia o advogado Gustavo Dalla Valle B. da Silva (LBZ Advocacia).

Segundo ele, o fisco paulista tem autuado as distribuidoras para o pagamento do ICMS que não foi recolhido na venda de papel imune que teve sua destinação posteriormente desviada. Na prática o desvio da destinação foi feito pelo comprador, em geral uma editora de fachada que tão logo recebia a mercadoria direcionava-a a uma gráfica. No caso em questão, a operação aparentava regular, por todas as formas, estando a editora com todos os cadastros ativos, tendo pago o valor integral da mercadoria e retirado-a. “O fisco imputa ao distribuidor a responsabilidade desmedida de fiscalizar a existência do cliente e a regularidade de suas operações”, avalia o advogado, considerando que as empresas terão

maior efetividade na defesa de seus direitos se fugirem dos meios padrão.

A sentença do juiz Marcos Pimentel Tamassia evoca as exigências de comprovação de regularidade nos sistemas federal – Registro Especial de Usuário de Papel – e estadual – Sistema de Reconhecimento e Controle das Operações com Papel Imune (RECOPI) para embasar sua decisão. “Reforço: pelas disposições normativas acima citadas, a sociedade vendedora precisa constatar se a compradora está conforme nos sistemas fiscais; ao Fisco sim, posteriormente, incumbe a fiscalização de eventual desvio pela adquirente, que, em caso de desvio de finalidade, torna-se responsável pelo tributo inicialmente acobertado pela presunção relativa de imunidade tributária. Tal responsabilidade está estampada nos dispositivos legais transcritos. Não se pode, contudo, presumir-se a simulação ou o conluio fraudulento para responsabilização da vendedora, devendo tal situação ser comprovada”.

O magistrado concluiu que “pelas provas carreadas aos autos [prova inequívoca da verossimilhança das alegações], ao menos neste momento, reputo não ter o Fisco Estadual logrado demonstrar a simulação ou o conluio fraudulento entre vendedora e compradora. Ademais, a requerente trouxe documentos comprobatórios da regularidade fiscal de suas parceiras comerciais [inscrição tanto no sistema federal quanto no estadual], quando das operações, de forma a se presumir que seriam regulares”.

Contrariando índices, pontos positivos (e coloridos) inspiram otimismo no setor

No momento em que proliferam indicadores negativos apontando retração da atividade em diversos setores da economia brasileira, surgem também exemplos de bons resultados, encorajando empresários a desafiar o estado de 'crise'. No mercado de papel não é diferente. Nos últimos meses, a menor demanda de papéis por parte da indústria gráfica, que produziu menos, derrubou a produção e a importação de papéis. Jornais e revistas impressos tiveram queda na circulação média. No ano passado, a produção de livros cresceu, porém foram vendidos menos exemplares. Mas, o cenário escuro ganhou cores e os números divulgados em junho confirmaram os dados anteriores, crescimento no volume das vendas de livros, 27% desta vez.

A boa notícia é resultado de uma novidade que tomou conta do mercado brasileiro este ano: os livros de colorir. No período de 20 de abril a 17 de maio, os 54 livros de colorir identificados entre os 5.000 mais vendidos responderam por 17,34% do volume de vendas nas livrarias e por 14,08% do faturamento do gênero. Os dados são da pesquisa BookScan Brasil, que apura as vendas das principais livrarias e supermercados, divulgada no 3º Painel das Vendas de Livros do Brasil, apresentado pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) e pelo Instituto Nielsen.

De acordo com a pesquisa, no período, o aumento das vendas do setor foi de 27% em volume e 21% em faturamento, que alcançou o montante de R\$ 115,8 milhões, que correspondem ao crescimento de 8,83% em volume e 6,23% em faturamento, no comparativo anual, ficando próximo à inflação do período. Segundo estimativas da Nielsen, o universo da pesquisa corresponde a 63% do mercado livreiro e varejista no Brasil.

“No início do mês de junho, divulgamos a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, realizada pela Fipe/USP, que apontou uma queda do crescimento do setor em 2014. Mas acho importante ressaltar dois aspectos: as vendas ao mercado tiveram crescimento de 7,33% e as vendas ao governo uma queda de 16%, o que também pode ser explicado pela sazonalidade dos programas de livros

didáticos. Neste sentido, é positivo vermos o mercado crescendo em 2015 e as livrarias preservando suas margens, sem impactar o preço final dos livros”, explicou o presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros, Marcos da Veiga Pereira, ao comentar os dados do Painel.

Inspiração

O fenômeno do livro de colorir que conquistou o consumidor brasileiro e alavancou as vendas de livros e de lápis de cor em pleno momento de crise econômica é um exemplo de criatividade e inovação que podem ajudar a abreviar o ciclo de baixa e retomar o crescimento. “O negativismo exacerbado acaba atrapalhando o negócio”, afirma o presidente nacional da Associação Brasileira da Indústria Gráfica (Abigraf), Levi Ceregado, explicando que a propagação de dados e perspectivas negativas contamina o mercado, provocando cortes preventivos que agravam o cenário.

Declaradamente otimista, Ceregado vê o momento como oportunidade para buscar maior eficiência e aproximação entre os elos da cadeia, como gráficos e distribuidores. “Sem os distribuidores as pequenas gráficas sucumbem”, diz o presidente da Abigraf, ressaltando a importância do distribuidor de papel que detém o estoque e faz a interface entre o fabricante e as gráficas, fornecendo de forma fracionada de acordo com as necessidades de cada empresa. Conforme a entidade, estão ativas no Brasil em torno de 20 mil gráficas, 95% delas são micro e pequenas empresas que empregam até dez funcionários. “É hora de sentar e conversar”, avalia Levi Ceregado, apostando na sinergia entre a indústria gráfica e o segmento de distribuição para superar as dificuldades e explorar novos horizontes.

Uma oportunidade que o empresário gráfico deve buscar, segundo ele, é a exportação. “Precisamos deixar de ser reativos e ser mais proativos e buscar novos mercados”, afirma, lembrando que o País e os brasileiros já passaram e superaram períodos muito difíceis e em situações bem menos favoráveis do que agora.

Setor gráfico deve manter resultado negativo no segundo trimestre

Os resultados da indústria gráfica no primeiro trimestre foram negativos, mas ainda melhores do que a média da indústria de transformação, desempenho que deve se manter no segundo trimestre. A avaliação é do presidente nacional da Abigraf, Levi Ceregato, destacando que alguns segmentos e regiões podem ter indicadores melhores. Segundo ele, as regiões Sul e Centro-oeste estão com economia mais aquecida em razão do agronegócio, que está em plena safra agrícola e tem se beneficiado do câmbio. Considerando os vários segmentos de produção gráfica, ele explica que “o de embalagem vem mantendo o crescimento, enquanto o promocional e o editorial estão sendo mais punidos pela crise”.

Segundo cálculos da Abigraf, com base na Pesquisa Industrial Mensal do IBGE, no primeiro trimestre houve recuo de 3,7% na produção física, o que representou encolhimento de 1,4% em comparação com os três primeiros meses de 2014. O desempenho ficou acima da média da indústria de transformação, que caiu 7,9% no período e retraiu 2,7% frente ao primeiro trimestre de 2014. A retração do trimestre foi puxada pelo resultado negativo de fevereiro, que teve queda de 17,56% na produção. Em janeiro o índice foi positivo em 6,03% e em março fechou a -0,18%.

Ainda que menor, a retração da atividade gráfica em

geral já impactou na geração de empregos. Conforme estatísticas do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (Caged/MTE), de janeiro a março, o setor gráfico desativou 2.078 vagas, um recuo de 2,7% em relação a igual período de 2014. Foi o maior corte desde 2009 e a região Sudeste respondeu sozinha por 76,5% dos postos eliminados (apenas em São Paulo foram cortadas 1,2 mil vagas). O segmento que mais fechou vagas foi o editorial. Exceção foram as microempresas que contrataram mais do que demitiram no período.

Também houve retração nos investimentos do setor, com redução de 15% nas importações de máquinas e equipamentos gráficos, em relação ao primeiro trimestre do ano anterior, reflexo da queda de confiança do empresário. Mesmo assim, o presidente da entidade observa que os números são bastante expressivos, pois o setor importou quase US\$ 1 bilhão em máquinas no ano passado. “Temos um parque industrial forte e uma indústria pujante, que gera cerca de 220 mil empregos”, afirma Ceregato, que mantém o otimismo mesmo quando fala dos principais problemas das empresas, a inadimplência. Segundo ele, a inadimplência faz parte dos negócios e é sempre um problema que preocupa, mas que tem se mantido nos níveis anteriores e suportáveis.

Circulação de jornais e revistas impressos diminuiu em 2015

As edições impressas dos jornais e revistas estão perdendo tiragens. Só nos primeiros cinco meses deste ano, a circulação média de edição impressa caiu 13% nas revistas mensais, 9,3% nas semanais e 10,2% nos jornais, conforme dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC). O levantamento, realizado a pedido do NewsPaper, não inclui as edições digitais das publicações.

O IVC aponta média de 3,43 milhões de exemplares de jornais em circulação no país entre janeiro e maio deste ano, quase 400 mil a menos que no mesmo

período do ano passado (3,83 milhões de exemplares por edição). O percentual varia entre os 91 jornais auditados pelo Instituto.

Entre as vinte revistas semanais auditadas pelo IVC, a circulação média foi de 2,89 milhões de exemplares este ano contra 3,19 milhões nos primeiros cinco meses de 2014. Já no universo de 110 títulos de revistas mensais impressas, a circulação média ficou em 5,94 milhões de exemplares, contra 6,83 milhões no comparativo anterior.

Circulação média de edição impressa			
Janeiro a maio			
	2014	2015	Varição
Jornais	3.833.033	3.438.586	-10,29%
Revistas semanais	3.189.982	2.891.661	-9,35%
Revistas mensais	6.838.003	5.945.403	-13,05%

Fonte: IVC

Produção e vendas de papéis nacionais diminuíram em 2015

Os dados dos primeiros cinco meses do mercado de papel comprovam o desaquecimento da atividade. Os segmentos de papéis para imprimir e escrever (I&E), cartão e jornal lideram as quedas na produção e venda dos fabricantes nacionais, conforme estatísticas da Indústria Brasileira de Árvores, Cenários Ibá, edição de junho, referente ao período de janeiro a maio deste ano.

A produção de I&E caiu 5,4% nos cinco meses, ante o mesmo período de 2014. Foram produzidas 1.030 mil toneladas, 59 mil toneladas a menos que no ano anterior, 1.089 mil toneladas. A produção de papel cartão passou de 288 mil toneladas para 267 mil toneladas, recuo de 7,3%, enquanto no papel de imprensa a redução foi de 17%, de 47 mil toneladas para 39 mil toneladas. Nos segmentos de embalagens e sanitários, os volumes de produção e venda doméstica tiveram oscilações menores, contribuindo para reduzir o saldo negativo geral. No total, a produção nacional entre janeiro e maio deste ano foi de 4.254 mil toneladas, 1,1% abaixo das 4.303 mil toneladas do mesmo período de 2014. Já as vendas domésticas somaram 2.163 mil toneladas, ante 2.300 mil toneladas no equivalente do ano anterior.

A produção menor é reflexo da queda na demanda, especialmente da interna. De acordo com o relatório mensal da entidade, a venda doméstica de I&E caiu 13,8%, totalizando 576 mil toneladas nos cinco meses, 92 mil toneladas a menos que no equivalente anterior (668 mil toneladas). A venda de papel cartão diminuiu em 8,8%, de 197 mil toneladas para 216 mil toneladas no período de comparação.

Imprensa

Percentualmente a maior queda é no segmento de papel jornal, um mercado peculiar, fortemente afetado pelas mídias eletrônicas, que vem em constante e acentuado declínio nos últimos anos, agora agravado pela retração econômica. Entre janeiro e maio, a indústria nacional produziu 39 mil toneladas de papel jornal e vendeu ao mercado interno 35 mil toneladas. Na parcial do ano passado, os volumes foram de 47 mil toneladas e 46 mil toneladas, respectivamente. O histórico do setor mostra que em torno de 70% da demanda de papel jornal são atendidas por

fabricantes estrangeiros. As importações de papel jornal caíram 36,2% no acumulado de janeiro a maio deste ano em relação ao mesmo período de 2014. Até maio deste ano, foram importadas 90 mil toneladas, ante as 141 mil toneladas no equivalente anterior. Os dados oficiais de importação de junho (como trata matéria da página 11) mostram que a tendência de queda se mantém.

Exportação

A presença do papel nacional no mercado externo reverteu o índice negativo dos últimos meses, fechando os cinco meses em 808 mil toneladas, 0,7% mais que as 802 mil toneladas anteriores. O acumulado foi puxado pelo aumento de 31,6% na exportação de papéis classificados como outros, que totalizaram 75 mil toneladas, e dos sanitários com volume de apenas 7 mil toneladas, que tiveram crescimento de 16,7%. Os segmentos de embalagens e papel cartão apresentaram redução nos embarques, -5,5% e -4,1%, respectivamente. O embarque de papéis de I&E aumentou 1,9%, totalizando 379 mil toneladas, ante as 372 mil toneladas da parcial do ano anterior.

Importação

Com atividade econômica reduzida, consumindo menos papéis, as importações também apresentaram quedas expressivas nos primeiros cinco meses deste ano, conforme dados do Cenários Ibá. No geral, os desembarques de papéis estrangeiros diminuíram 20,4%, passando de 520 mil toneladas no período de janeiro a maio de 2014, para 414 mil toneladas em 2015. No grupo de papéis para impressão e escrita, as importações recuaram 16,6% no período, totalizando 181 mil toneladas contra 217 mil toneladas no comparativo. As importações de papéis jornal e os classificados como outros também tiveram queda nos cinco meses. Na contramão, embalagens e papel cartão fecharam maio com aumento nas importações anuais. De janeiro a maio deste ano desembarcaram no país 23 mil toneladas de cartão e 28 mil toneladas de embalagens, respectivamente 4,5% e 16,7% mais que os volumes dos cinco meses de 2014. As entradas de papéis sanitários ficaram estáveis, somando apenas 3 mil toneladas no acumulado.

Papéis de I&E têm consumo aparente menor em 2015

O resultado da equação: produção mais importação menos exportação é o quanto foi disponibilizado para consumo, denominado consumo aparente.

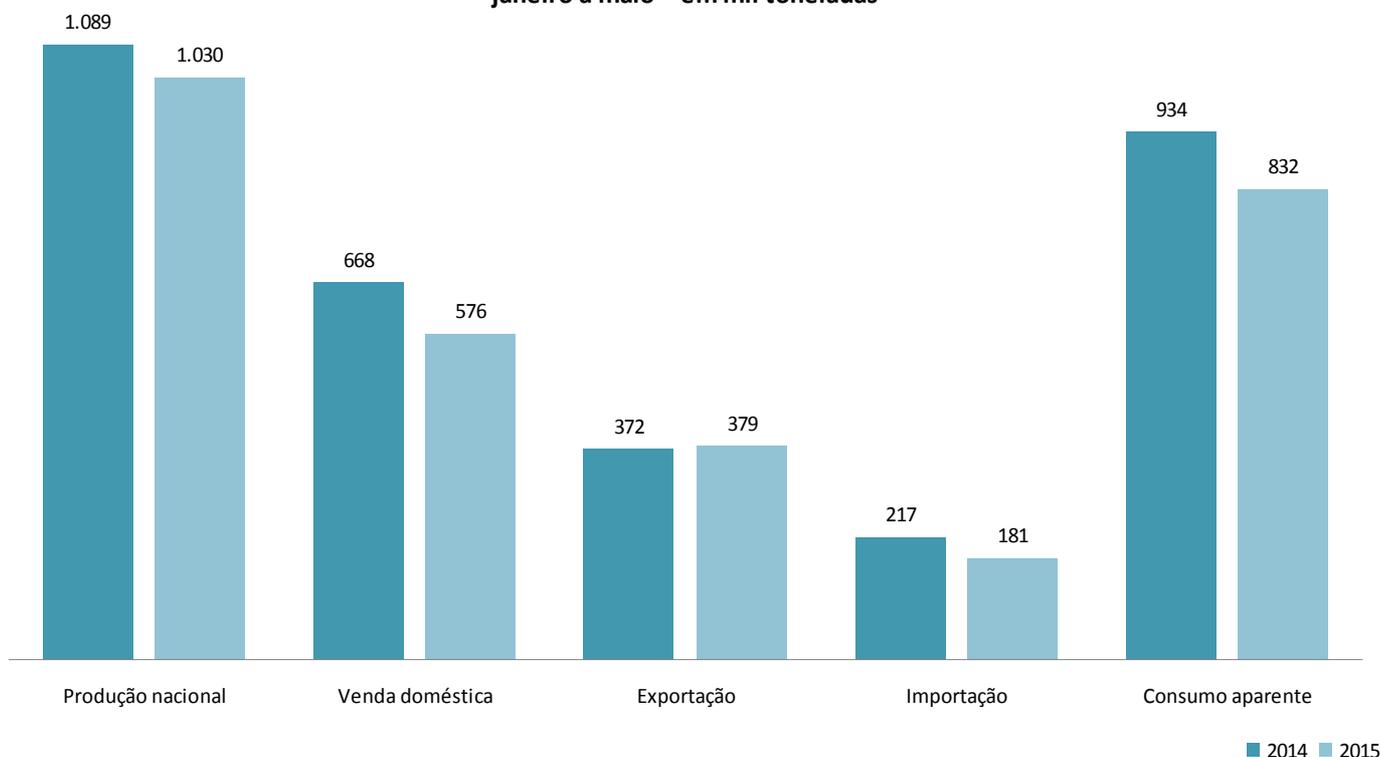
No grupo de papéis para imprimir e escrever, o consumo aparente caiu praticamente 11%, quase três vezes o percentual registrado no total geral que engloba todos os tipos de papéis, que recuou 4% na

comparação com os volumes do mesmo período do ano anterior.

Conforme os dados do Cenários Ibá, entre janeiro e maio deste ano o consumo aparente foi da ordem de 832 mil toneladas, 102 mil toneladas a menos que em igual parcial do ano passado, que somou 934 mil toneladas.

Papéis para Imprimir e Escrever

janeiro a maio - em mil toneladas



Fonte: Cenários Ibá / 13

Queda na importação de papéis

As importações gerais de papéis continuam inferiores aos volumes anteriores, apesar de junho ter registrado aumento de 7,5% em relação a maio, que teve o menor volume mensal desde 2009. De acordo com dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), desembarcaram no país 74,2 mil toneladas de papéis em maio e 79,8 mil toneladas de papéis, em junho. No acumulado do semestre, foram importadas 494,2 mil toneladas de papéis, 20% menos que as 618,3 mil toneladas do mesmo período de 2014.

Dentre os papéis para impressão e escrita, o *cuchê* é o principal item da pauta de importações brasileiras, uma vez que a produção nacional é capaz de suprir cerca de metade da demanda. Em junho, foram importadas 10,7 mil toneladas de *cuchê*, o menor volume mensal dos últimos cinco anos. Nos seis meses de 2015, as entradas somam 99,5 mil toneladas, 26,7% menos que as 135,7 mil toneladas importadas no mesmo período do ano passado.

Queda semelhante se repete no LWC, apesar de registrar aumento nos meses de maio e junho, que somaram 3,6 mil toneladas e 3,8 mil toneladas, respectivamente. No acumulado anual para o período, as importações de LWC são as menores. Conforme dados da Secex, disponíveis pelo Sistema AliceWeb, no primeiro semestre deste ano foram importadas

15,4 mil toneladas de LWC, ante 24,1 mil toneladas do mesmo período de 2014, queda de 36,2%.

As entradas de *cut size* e jornal também caíram na comparação com o mesmo período do ano anterior. No papel cortado, a importação caiu 34,2%, totalizando 8,9 mil toneladas. No mercado de papel jornal, as entradas diminuíram 25,9% no comparativo. Entre janeiro e junho deste ano foram importadas 113,8 mil toneladas de jornal.

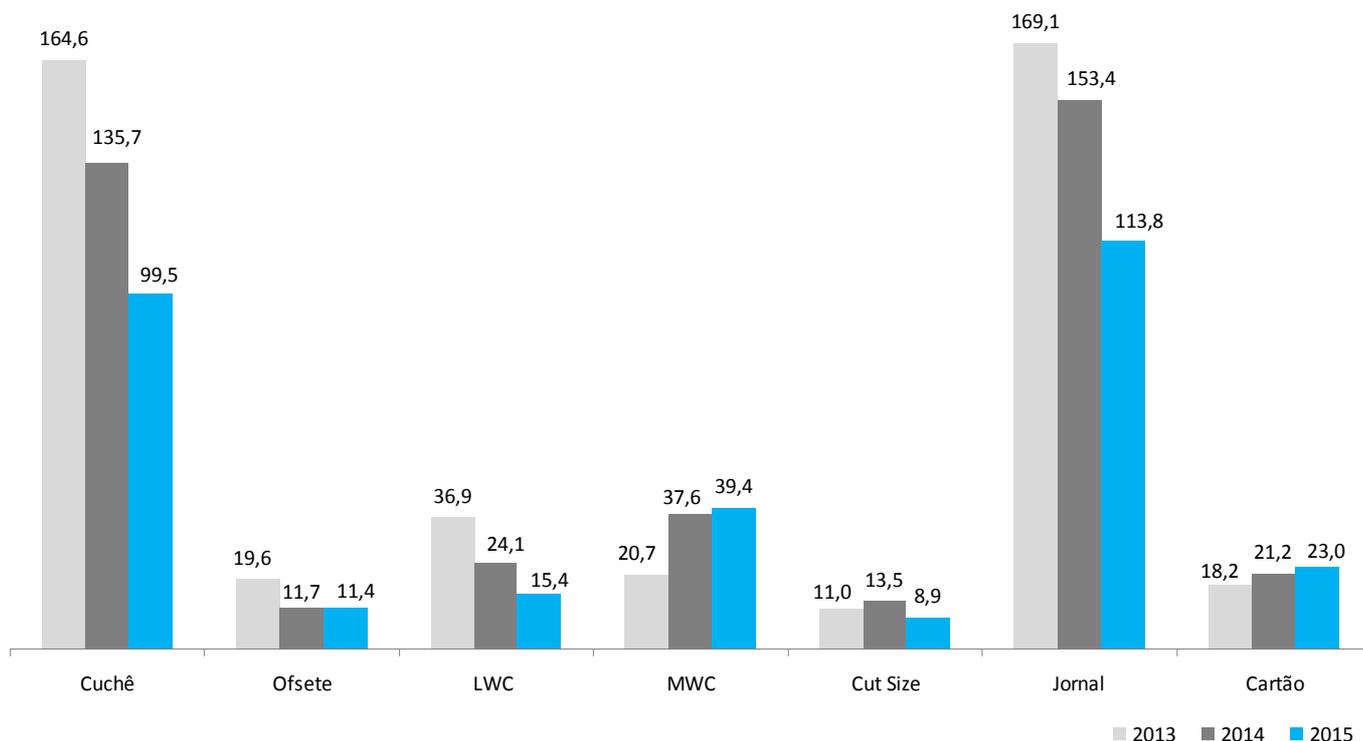
As três NCMs (Nomenclatura Comum do Mercosul) referentes ao ofsete somaram 11,4 mil toneladas nos seis primeiros meses do ano, 2,7% abaixo das 11,7 mil toneladas desembarcadas no mesmo período de 2014.

Exceção

Dos sete grupos de papéis acompanhados pelo NewsPaper, cartão e MWC registraram volumes maiores em 2015. As importações de cartão somaram 23 mil toneladas, 8,3% mais que as 21,2 mil toneladas anteriores. Mesmo com recuo no mês de maio, as entradas de MWC voltaram a crescer em junho, totalizando 39,4 mil toneladas no acumulado dos seis meses, 4,6% acima das 37,6 mil toneladas internalizadas no primeiro semestre do ano passado. Segundo a Secex, em maio as importações de MWC somaram 3,8 mil toneladas, e 5,3 mil toneladas no mês seguinte.

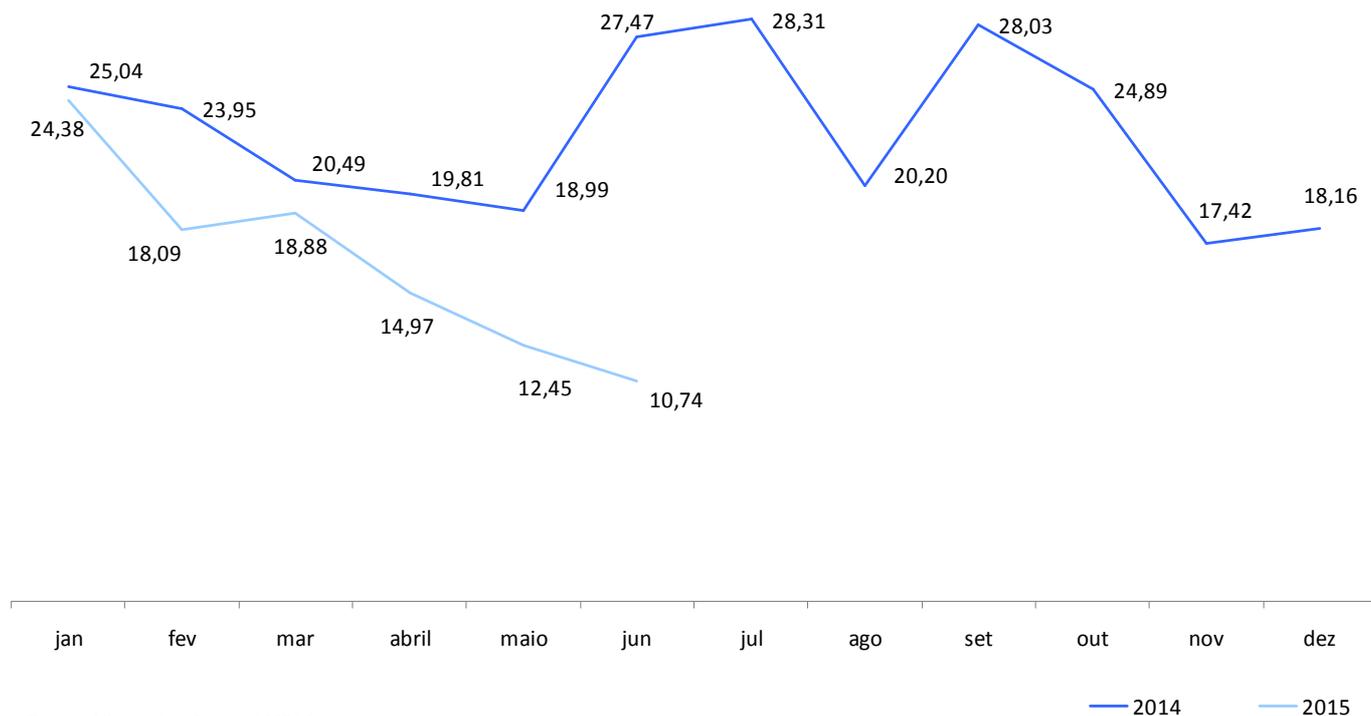
Importação de Papéis - janeiro a junho

em mil toneladas



Fonte: Aliceweb – Secex / MDIC

Importação de Cuchê (em mil toneladas)



Fonte: Aliceweb – Secex / MDIC

DISTRIBUIDORES ASSOCIADOS

